

BOXER (C. R.). — **The Great Ship from Amacon — Annals of Macao and the old Japan trade, 1555-1640.** Centro de Estudos Históricos Ultramarinos. Lisboa, 1959, 361 págs.

Se consultarmos um excelente trabalho acêrca das relações entre o mundo ocidental e o Japão, como seja **The Western world and Japan**, de G. B. Sansom, encontraremos exatamente 4 linhas relativamente ao comércio português com os japoneses, com base em Macau. E isto, pensamos, é suficiente para nos dar uma idéia do quanto de novo se contém na obra de C. R. Boxer.

No que toca ao interêsse do assunto, basta apoiarmo-nos na confissão do próprio Autor, em seu prefácio: de fato, já em 1941 publicara êle, em edição limitada, **As viagens do Japão e seus capitães-mores, 1550-1640**, volume esgotado por volta de 1945. Surpreendeu-o, todavia, a grande procura, resultando daí sua decisão de aprofundar as pesquisas, recorrendo a material completamente novo, existente nos arquivos de Lisboa e Goa, a fim de reelaborar seu antigo trabalho, dando-lhe a forma sob a qual o temos agora. Além do mais, era seu intuito tratar, de um ponto de vista mercantil, o mesmo tema das relações entre o Extremo-Oriente e o Extremo-Occidente, já por êle anteriormente examinado em seus aspectos político, religioso e cultural (cf. **Fidalgos in the Far East 1550-1770** e **The Christian century in Japan 1549-1650**). Na realidade, tudo se entrosa, tanto assim que as missões jesuíticas no Japão têm seu destino estritamente associado às vicissitudes das relações comerciais.

Os missionários, deveras, eram indispensáveis às atividades mercantis lusas, por serem conhecedores da língua nipônica e pelas relações pessoais que podiam estabelecer com altos funcionários japoneses. Significativa para a ligação entre os mercadores e religiosos, aliás, é a pintura com que o Autor abre o volume: São Francisco Xavier aplaca o mar enfurecido, andando sôbre as ondas e invocando as potências celestes; às suas costas, como que protegido pela sua santidade, navega o grande navio de Macau (**the great ship from Amacon**, como os inglêses o chamavam), de cujos bordos dependuram-se os negociantes, com os olhos voltados para o santo. Parecem tranqüilos, porém, apesar da tormenta, por terem certeza do amparo a êles dispensado através do missionário. E' clara, aí, a intimidade da associação entre a cruz e os empreendimentos comerciais no Extremo-Oriente.

Êstes últimos adquiriram nova envergadura após o estabelecimento dos portugueses em Macau (1555), donde lhes era fácil atingir, de um lado, o importante centro mercantil chinês de Cantão e, de outro, a cidade japonesa de Nagasaki, cujo contrôle foi confiado aos jesuítas, em 1571. Todos tinham interêsse nas transações então iniciadas: chineses, desde muito perturbados em seus contactos com os nipônicos em virtude das operações de piratas; japoneses, desejosos de receber sêda da China, bem superior à sua própria; e lusos, servindo de intermediários entre os outros dois elos da corrente e lucrando, acima de tudo, com a troca de prata do Japão por ouro da China, dadas as diferenças de taxa entre os dois países.

Quando, em 1580, a corôa portuguesa foi unida à da Espanha, a situação comercial de Macau tornou-se ainda mais cômoda, pois os espanhóis não tiveram dificuldade em reconhecer àquêle pôrto o monopólio do comércio com o arquipélago japonês; afastava-se, desta forma, a possibilidade de concorrerem êles como os lusos, o que poderia ser feito com base em Manila, nas Filipinas. A concorrência surgiu, todavia, quando inglêses e holandeses fixaram-se em Hirado, no Japão. Em 1622, os últimos chegaram a tentar a tomada de Macau; malogrando, voltaram-se para as ilhas Pescadores e para Formosa, com o objetivo de criar entrepostos rivais de Macau e Manila. Bem logo os chineses também passaram a participar diretamente do comércio com o Japão, favorecidos que foram pela política do shogun Tokugawa Ieyasu, orientada no sentido de extirpação da pirataria.

Além da prata, outros produtos eram buscados pelos portugueses nas ilhas japonesas, inclusive o cobre, utilizado na fundição de Manuel Tavares Bocarro, em Macau, Rua do Chunambeiro, donde saíam canhões famosos em todo o Oriente. A viagem ao Japão fazia-se de ano em ano, sob a chefia de um capitão-mor designado diretamente pelo rei ou, então, pelo vice-rei com sede em Goa; cabia-lhe, ainda, funcionar como governador de Macau, durante sua estada na cidade, à espera da monção para dar início à jornada. No Japão, gozavam os portugueses, praticamente, de um regime de extra-territorialidade, mesmo após a proibição do cristianismo (1614), com a única exceção de pesada penalidade imposta aos marinheiros ou comerciantes que introduzissem missionários no país.

Com o tempo, diversas foram as modificações sofridas pelo comércio de Macau com o Japão. Entre elas, figura o papel cada vez maior desempenhado pelos ricos comerciantes indianos e chineses, bem como japoneses, que acabaram por fazer dos portugueses seus meros agentes; nesta situação encontravam-se êstes em 1640, quando se interromperam as viagens anuais. A enorme fortuna acumulada pelo japonês Ito Kozaemon, por exemplo, deve-se a êste comércio, causa, também, da excepcional prosperidade de Macau e de Nagasaki. Quanto à extinção destas atividades, tão proveitosas para tôdas as partes nelas envolvidas, determinou-a, ainda, a questão dos jesuítas, considerados como responsáveis pela rebelião de Shimabara (1637-1638) e que continuavam a penetrar no Japão, como clandestinos. Daí a decisão japônica de romper os contactos com os estrangeiros, entrando o Japão na fase de isolamento, que duraria até o século XIX.

Enriquecem o volume diversos documentos nele reproduzidos e que estão reunidos na segunda parte (págs. 173-333).

PEDRO MOACYR CAMPOS

* * *

JORDÃO (M. F.). — **O Embú na História de São Paulo** (Publicação patrocinada pela Prefeitura Municipal de Embú). São Paulo, 1960. 212 pp. 15 ilustrações. Bibliografia e apêndices.